ISSN: 2965-1085

Algumas palavras ao meu Professor, Rafael Moreira (1947 – 2025)[1]

A few words to my Professor, Rafael Moreira (1947 – 2025)

Magno Moraes Mello

Há alguns dias, recebi a notícia da morte do Prof. Rafael Moreira, da UNL. Uma notícia que me pegou de surpresa, pois não tinha conhecimento de que ele se encontrava doente. Sabia apenas que ele havia sofrido duas quedas – uma aqui no Brasil e outra em Lisboa. Contudo, não dei grande importância a elas, pois esperava que, aos poucos e de forma bem gradual, ele se recuperasse. Mas não foi o que aconteceu... Das quedas, surgiram outras complicações. E, como dizia Oscar Niemeyer, o sopro da vida deu seu derradeiro suspiro!

O ponto é que fiquei muito triste com a notícia. Não mantínhamos um contato muito estreito, mas falávamos muitas vezes por telefone, e ele me escrevia regularmente por e-mail, contando sobre suas viagens – sempre com atenção detalhes, como se ministrasse uma aula. Era preciso, paciente e culto ao explicar o que tinha feito em uma determinada cidade.

Quando viajava, fosse para descansar ou para participar de algum evento acadêmico, ele me escrevia e-mails longos, descrevendo o evento, os professores que reencontrava e suas observações sobre comunicações que ele considerava pertinentes. Também contava um pouco da história da cidade visitada, destacando seus valores históricos e fazendo algumas críticas sobre sua situação atual. Sua precisão me impressionava; eu tentava imitá-lo, mas me faltava algo: conhecimento ou mesmo uma grande capacidade de escrita. Seus e-mails sobre

[1] Belo Horizonte (18 – II – 2025)

suas viagens eram repletos de informações, numa articulação de conhecimentos que me fascinava.

Li textos seus sobre temas inusitados, que me deixavam de queixo caído – como, por exemplo, numa revista, em uma reportagem sobre o *gosto por charutos*! Um texto belíssimo.

Conheci o Rafael em 1992, quando ingressei no mestrado. Ele foi meu orientador tanto no mestrado e quanto no doutoramento, permanecendo ao meu lado por 12 anos. Uma experiência espetacular, intensa e de aprendizado constante. Seu modo distante, mas sempre preocupado, fazia com que ele corrigisse tudo o que eu escrevia: todas as frases, todas as palavras, sempre com sugestões e críticas. Elogiava e, às vezes, se zangava.

Fui aluno dele por um ano. Suas aulas eram muito interessantes e repletas de reflexões bem colocadas, com referências aos seus estudos e à sua experiência em eventos acadêmicos. Sempre ponderado e calmo, tirava e colocava os óculos com paciência e equilíbrio, e sua voz era firme e poderosa.

Para formular alguma pergunta, era preciso pensar bastante para poder impressioná-lo (rs); a tensão era sempre constante. Lembro-me de quando ele analisou meu trabalho: apresentou muitas críticas formais e, ao final, permitiu-me fazer uma pergunta. Então, perguntei: “As ideias estão boas? O caminho está certo?” Ele respondeu: “Claro, está muito bom!”. Aí pensei: “Bom, a parte formal eu posso aprender, mas com ideias ruins ficaria mais difícil”.

Ele dizia: “Você sempre deve buscar tudo o que for possível sobre o seu tema de investigação. É sua obrigação conhecer o que o mundo estuda e publica sobre o que você investiga.” Digo isso sempre aos meus alunos. Eu confiava nele, e não me arrependo. Acreditava que suas observações me guiariam a bom porto. E assim foi. Ele sempre dizia que temos de dar 100% para obter 80%; se dermos 80%, o resultado final cairá para 60% – e, portanto, não seria aceitável. Nossas conversas, na maioria das vezes, eram por telefone e duravam quatro ou cinco horas, em média. Suas orientações me ajudavam a pensar. Eu anotava tudo.

ISSN: 2965-1085

Era cansativo, mas minha mente não parava. Às vezes, ele me ligava às quatro da manhã zangado com uma nota de rodapé mal formulada... enquanto eu dormia e ele lia o meu trabalho sem cessar. Eu nem sabia o que responder (rs).

No período de férias, eu geralmente voltava ao Brasil. Ele continuava a orientar: escrevia cartas longas com sugestões e, se eu me demorasse muito, chamava minha atenção e, às vezes, ligava (rs).

Em Lisboa, jantávamos juntos algumas vezes (quase sempre no Isaura), e o prato normalmente era cataplana alentejana com vinho da Bairrada. Outras vezes, tomávamos um café perto de sua casa, onde ele ainda podia fumar o seu precioso charuto.

Outra situação interessante era quando ele precisava preparar alguma conferência. Chamava-me à sua casa, e eu fazia os slides (os cromos), emoldurava-os e anotava na moldura os itens fotografados. Ele sempre fazia questão de me remunerar, pois sabia que minha situação financeira era difícil.

Com o Rafael, aprendi a fazer o melhor, sempre bem-feito: ele se irritava quando eu escrevia mal, mas elogiava quando estava bem.

Quando ele sabia que algum professor de fora de Portugal estava em Lisboa e faria uma palestra que pudesse nos interessar, pedia que eu assistisse e, no dia seguinte, me ligava para saber minha opinião. Não havia escapatória! (rs).

Quando já eu tinha um capítulo pronto, eu o levava até sua casa e o colocava debaixo do tapete, pois ele dizia que era a sua "internet". Ele lia atentamente... corrigia frase por frase e me ligava para buscar o texto. Em casa, eu abria o documento, com o coração batendo forte, e sentia o cheiro de charuto. Era a prova de que ele tinha lido mesmo tudo!

Nossas conversas eram infindáveis... horas e horas! Às vezes, eu dizia: "Te conto tudo e você consegue perceber muito melhor do que eu." E ele respondia: "Quando você orientar, sentirá o mesmo".

Eu sempre discutia com ele os capítulos individualmente. Pensávamos nos títulos, nos tipos de letra, na simetria da página, na estrutura da tese e no

ISSN: 2965-1085

equilíbrio entre os capítulos: três partes, seis capítulos por parte e um número de páginas equilibrado. Nunca um capítulo com trinta páginas e outro apenas sete. Nos agradecimentos, ele sempre recomendava: "Nada pessoal ou aos amigos. Apenas às pessoas que efetivamente ajudaram na pesquisa. E, por favor, *não esqueça ninguém*, pois é a primeira parte que todos leem."

Entreguei a tese numa sexta-feira, no dia 28 de junho de 2002, à tarde. Lembro-me bem, pois tive de entregar trinta exemplares (eram dois volumes – sessenta no total). Estruturamos o texto da seguinte forma: três partes, seis capítulos por parte, documentos, imagens, glossário e bibliografia.

A defesa foi marcada para março de 2003, e a banca foi composta por sete professores. Ele escolheu todos e afirmou que queria uma banca forte e rigorosa, para valorizar meu trabalho.

Em 2000, tive a oportunidade de passar seis meses em Florença pesquisando os tetos pintados daquela cidade, e ele recomendou o nome da professora Daniela Lamberini. Uma professora muito séria e de poucas palavras. Ela me recebeu em seu gabinete, lembrou-se do Rafael e disse: "O seu professor é uma pessoa especial, muito inteligente." E, logo em seguida, complementou: "Não posso te ajudar, mas vou te indicar uma professora que trabalha com esse tema." Essa foi a professora Fauzia Farneti, que conheci naquele mesmo dia. Dessa conexão nasceu uma parceria acadêmica entre Itália e Brasil, que perdura até hoje.

O contato estabelecido a partir da indicação do Rafael abriu um mundo de possibilidades para meus estudos. Desde aquela época, participo frequentemente dos eventos organizados pela professora Fauzia. Essa indicação possibilitou minha inserção no grupo da Università Degli Studi di Firenze, permitindo-me publicar constantemente e participar de eventos entre a Europa e o Brasil sobre quadratura.

Rafael não era do tipo que se envolvia em relações casuais e não jogava conversa fora. Nunca o vi ouvindo música ou indo ao cinema, e sua casa sequer

ISSN: 2965-1085

tinha televisão; mas ele sabia de tudo. Tudo mesmo. E ainda indicava bibliografia.

Eu sempre ia à sua casa levar textos ou buscar livros. Sua casa transbordava livros: no escritório, na cozinha, espalhados pelo chão da sala, inclusive em malas recém-desfeitas de algum evento. No sofá, havia apenas um espaço perto do telefone para ele se sentar. Eu chegava e ele dizia: "Se encontrar um lugar, pode se sentar." Sentava-me perto de livros empilhados no chão e procurava algo que pudesse me ajudar. Para quem estudava História da Arte, era um paraíso.

Apesar de ser muito sério e de poucas palavras (talvez por eu ser seu aluno), eu ria muito com ele, pois seu humor era afiado e perigoso, mas divertido. Aos poucos, ele se soltava, e eu também começava a me sentir mais à vontade – mas nunca foi fácil. Por telefone, era mais condescendente. Pessoalmente, menos. Em sala de aula, não era nada. Ali, a situação pegava fogo.

Diante de tudo que vivi, o passo mais difícil foi mesmo a *Agregação*. Acredito que isso o afetou profundamente. As coisas saíram do controle num auditório completamente lotado. Foi um momento muito triste. Eu não sabia o que dizer, nem o que fazer. Comentar poderia ser um erro, mas o silêncio também poderia parecer que eu não me importava. Foi um período de muita tensão. Eu cheguei a me perguntar: "E minha defesa? Poderia acontecer o mesmo?" Fiquei muito impressionado.

Mas ele se recuperou – ou pelo menos parecia ter se recuperado. Não voltamos a falar sobre o assunto, e o foco voltou à tese, pois eu estava atrasado. Finalizei tudo em cinco anos e três meses, o que o deixou um pouco bravo, pois ele desejava que eu terminasse mais rápido, pois já não suportava mais ouvir a palavra "quadratura"... (e nem eu, rs).

(Apenas voltando um pouco às cartas que ele me escrevia... Lembrei-me: ainda as tenho! Não todas, mas muitas!)

ISSN: 2965-1085

A última vez que o vi foi num evento organizado pela professora Beatriz Piccolotto, que conheci em Lisboa durante o meu mestrado, quando ela foi tratar de assuntos com o Rafael. O reencontrei no Brasil, quando me convidou para uma homenagem a ele pelo lançamento de seu livro intitulado *A Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal*, com a participação dos professores Clovis Jucá, Rodrigo Baeta, Beatriz Piccolotto e Iris Kantor. Foi uma conversa mais descontraída, e minha participação consistiu em relatar minha experiência acadêmica com ele e nosso trabalho conjunto. No dia seguinte, ele me ligou e agradeceu muito por minhas palavras. Essa foi a última vez que nos vimos e conversamos.

Rafael Moreira foi a pessoa mais inteligente que conheci, e sua capacidade de improviso era espetacular. É uma pena não poder conversar com ele sobre tudo isso. Seria divertido. E, claro, no Isaura, em Lisboa, comendo cataplana de porco à alentejana, acompanhada de uma boa garrafa de vinho da Bairrada (se combina ou não, não sei, mas eu gostava muito). Tomávamos umas duas garrafas, e então ele se soltava e começávamos a brincar! Eu gostava muito, pois podia dizer o que mais me incomodava na tese, e ele sempre apresentava soluções e oferecia apoio.

Portanto, ainda que com tristeza, agradeço pelos tempos de amizade, convivência e aprendizado. Seus ensinamentos e sua dedicação ao longo de 12 anos foram fundamentais para minha formação acadêmica e para a construção de uma nova postura profissional. Uma nova fase se iniciava e eu estava pronto para um novo desafio.

Obrigado por tudo. Obrigado por me aceitar como seu orientando. Espero que tenha orgulho de mim.

ISSN: 2965-1085

Figuras

ISSN: 2965-1085

ISSN: 2965-1085